

Um praticante de medicina questiona Ajahn Chah sobre ordenação monástica e a essência de bons atos. Tanto quanto o tradutor esteja ciente, essa Dhamma Desanā jamais foi traduzida em qualquer outro idioma. Parabéns aos praticantes de língua portuguesa!

## Conversa com um doutor

Doutor: anto quanto eu me lembro de ter lido uma vez, havia uma pessoa de família pobre, mas esse garoto era um garoto que tinha inteligência de forma que os pais e os irmãos achavam que ele seria capaz de estudar e conseguir se formar. Então os pais e os irmãos todos abriram mão de estudar para conseguir economizar dinheiro para pagar os estudos deste garoto todos passaram por muitas dificuldades. Esse garoto então foi para universidade, estudou o Dhamma e sentiu inspiração profunda no Dhamma. Quando terminou seus estudos aconteceu que ..., o pai, a mãe e todos os demais tinham grande esperança de que quando ele estivesse formado ele sustentaria a família, seria capaz de trabalhar e ganhar dinheiro, ajudando os irmãos mais novos ou ajudando a dividir o fardo do pai e da mãe, ou seja, o pai e a mãe iam poder descansar um pouco para poder ajudar os filhos menores mais adiante, mas aconteceu que esse garoto quando acabou os seus estudos ficou muito inspirado pelo Dhamma ao ponto de pedir licença do pai e da mãe para não ir trabalhar, queria ordenar-se monge. O pai e a mãe choraram e tentaram impedir mas o filho disse ter muita fé na religião do Buddha, “não me impeçam!” no fim os pais tiveram que dar a permissão para o filho virar monge (\*), mas do meu ponto de vista, tanto quanto eu li e ouvi dizer, eu sinto que eles provavelmente não concordaram com muita boa vontade.

Essa historia ficou presa na minha cabeça... Por que? Peço desculpas, essa é apenas minha opinião, não sou expert em religião, eu penso que nesse mundo tem que ter duas partes: uma parte é a religião, a outra parte são os donos de casa normais, que necessitam exercer profissão, ganhar seu sustento. Por exemplo, eu tenho família, tenho filho e esposa. Tendo eu responsabilidade pela minha família eu tenho que cumprir o meu dever para com eles, tenho que estar vinculado e cumprir meus deveres para com minha família, a sociedade, à nação. Agora, tanto quanto li aqui neste lugar, talvez tenha sido escrito por outra pessoa, não sei, diz que o objetivo é que todas as pessoas virem monge, eu penso na minha cabeça que nesse momento eu sou dono de casa, eu sustento minha esposa e filho com meu ofício, dou felicidade a algumas pessoas, dou ajuda a uma parte da população e faço um pouco de doações ao templo, ou seja eu também ajudo a religião, mas se todos virarem monge, incluindo eu mesmo, os monges vão ter que arar a terra, vão ter que procurar ofício, não terão tempo para praticar o Vinaya, os monges não terão oportunidade de aconselhar e guiar o povo, dar luz para que haja paz de espírito, para que haja um caminho a se seguir nesse mundo.

Por essa razão, na minha opinião é de que essa pessoa, se for virar monge está bem mas somente quando terminado seus deveres, ou seja, ajudar o pai, a mãe e os irmãos, ordenar-se agora, nesse momento, se perguntar para mim, se for para eu decidir dentro da minha ignorância eu digo que é uma maldade, muita maldade, pois é machucar os pais, é uma maldade para com outras pessoas também pois todos ajudaram essa pessoa, e aqui surge o problema: essa minha opinião está certa ou errada?

Ajahn Chah: O doutor também tem razão, vejamos assim, eu vou lhe fazer uma pergunta: 1 quilo de ouro e 1 quilo de chumbo, se vierem dar ao doutor o que o senhor escolhe?

Doutor: O ouro.

Ajahn Chah: Pois é, é assim mesmo, quando uma opinião é firme desta forma, aquilo ganha um

valor diferente tal como ouro e chumbo, ele tem que escolher o ouro. Eles trouxeram ouro, porque o doutor escolheu o ouro e não o chumbo?

Doutor: Porque possui valor.

Ajahn Chah: Pois é, você enxerga que possui mais valor, da mesma forma nesse caso, ele enxerga mais valor do que isso a ponto de se decidir dessa forma, é assim é a mesma situação. Por isso não devemos pensar assim, não há nada de errado em pensar, mas tem que refletir até ficar correto.

Medo, hein? O doutor está com medo de que não haja quem cuide dos pais, não haja quem construa o mundo? Se estiverem contratando pessoas para tocarem música o doutor não precisa se preocupar pois eles só vão contratar pessoas que souberem tocar música, se não souber, como é o seu caso, eles não contratam. Não dá para pegar todas as pessoas para virar monge, proibir para que ninguém vire monge não dá, essas coisas são assim mesmo, a gente não deve pensar “que todos virem monge!”, não dá, “que ninguém vire monge, dá?”, não dá! Não é possível. Aqui nós temos que enxergar o que há, quem tiver sabedoria em que nível, que haja de acordo. Não dá para forçar desse jeito.

Eu também já passei por isso, fui dizer que matar animais é pecado, uma pessoa respondeu “Luang Pó consegue comer pimenta pura todo dia?” “Não, não há quem traga pimenta para eu comer todo dia, tem alguém?” “Vai buscar, prepare pimenta para eu comer todo dia, pode ser?” Não concordou. Quem vai ter tempo de preparar pimenta para monge comer todo santo dia? Esse tipo de conversa é só da boca para fora, mas nesse mundo é assim mesmo, forçar todas as pessoas a serem boas ou ruins é impossível, quem tem sabedoria nesse mundo escolhe. “Vejam esse mundo enfeitado como uma carruagem real, onde tolos afundam, mas nos sábios não há apego.” (\*). Essa é a garantia que o Buddha nos dá.

Então nossa intenção em virar monge não é ver nossos pais perecerem, nossos filhos perecerem, nossa família perecer ou algo do tipo. A gente pensa: “Puxa, minha família está atolada demais na lama, na sujeira, se eu, pelo menos, não sair, todos estaremos presos, assim não será uma perda total...” Esforçar-se para sair por nossa família, para que nossa família melhore, mas algumas pessoas chegam a pensar que não há proveito, é maldade, como o doutor, se olharmos por esse ângulo é assim. Por isso eu perguntei: um quilo de chumbo e um quilo de ouro, se formos dividir qual você escolhe? Pode-se comparar, quando ele decidiu virar monge pelo resto da vida daquele jeito ele viu que isso tinha muito mais valor, viu o mundo inteiro como sendo chumbo, não tem valor, então não deseja. Igual ao doutor que deseja um quilo de ouro, um quilo de chumbo não quer, por que? Porque possui pouco valor, não tem valor portanto ele decidiu pelo ouro dessa forma por exemplo. Se nós soubermos refletir, não é o caso que nós nos ordenamos para destruir nossos filhos, destruir nossa esposa, nossa família ou algo do tipo, não é assim. Não é assim.

Isso é muito difícil as pessoas conseguirem fazer, a pessoa que alcança o máximo da sabedoria, até chegar ao ponto que o doutor viu, onde tudo vira do avesso. Como ser capaz de fazer a palma da mão virar as costas da mão, se a pessoa só consegue enxergar da forma que o doutor enxerga, ainda não será capaz. Ele age daquela forma com boa intenção e está correto, por ele enxergar de verdade os princípios do Dhamma.

Então nosso Buddha... é só maldade! O Buddha é só maldade. “Não importa quanto sofrimento minha família passe, mas eu vou ajudar esse grupo aqui, ensinar essas pessoas a vir para a luz, eles já ficaram na escuridão tempo demais” pensando desse jeito é que ele decidiu ordenar-se. Como o filho do coronel Prâmot, ele terminou os estudos no exterior e veio ordenar-se comigo aqui, ordenou-se e decidiu não voltar a vida laica. Inicialmente o pai viu e oh!!!... sofrido, mas hoje em dia ele vai ao monastério com frequência, ouve o Dhamma com frequência, hoje em dia não quer mais ficar aqui, quer fugir para Wat Pah Pong, não quer ficar aqui. Há uma mudança quando a gente enxerga aquilo que

antes não enxergava e sabe que não há nenhum benefício. Existe benefício porque possuímos sabedoria, se não temos sabedoria não enxergamos benefício naquilo.

Mas não pense errado, “todo mundo virou monge, quem vai morar nesse mundo?” Oh!!! Ainda mais gente Sr. Doutor, não é assim, não vá pensar que o mundo vai ficar ralo, ele vai ficar ainda mais firme, não vá pensar que o mundo vai ficar ralo, ele vai ficar ainda mais grosso. Quando o senhor virar monge você vai explicar sobre a maldade para que as pessoas entendam, fiquem em paz e felicidade, se não muito então pouco, a gente se ajuda, ajuda a pegar a bondade e o que há de bom, ensinar razão: não se agridam, afinal todos nós temos que ganhar a vida, buscar nosso sustento, que não agridamos uns aos outros, todos os pontos de vista como este. Se nós formos pensar: “Eh, se todo mundo virar monge vai ser uma desgraça”, não dá para virar monge. Veja os dedos da sua mão, não vá puxar os dedos para que eles tenham todos o mesmo tamanho, esse dedo é assim, esse dedo é assim, se eles não forem do mesmo tamanho ainda são úteis? Tem a utilidade deles, pegue esse pequenininho aqui, é útil? Se não for do mesmo tamanho que os demais corta fora! Do jeito que é ainda serve para cutucar o nariz. É muito útil, não podemos pensar desse jeito, é uma união, o mundo não pode ser daquele jeito ou então não é mundo, desse jeito o mundo não é mundo, não seria mundo mas é justamente por ser mundo é que o mundo é assim.

Bem onde está certo nós ensinamos mas não enxergam, falam mas não enxergam, bem aqui está errado, ensinamos bem aqui está errado mas não enxergam, mas algumas é só verem que ali está errado entendem, ali está certo, entendem, algumas pessoas conseguem ver certo ou errado, não fique com medo que o mundo vá desvanecer. Não vá pensar que não haverá quem construa o mundo no futuro.

Doutor: Eu entendo Luang Pó. Eu tenho um amigo que é monge, meu amigo é monge então eu chamo de Luang Amigo, a gente estava conversando sobre esse assunto de fazer doações ao templo. Eu disse a ele que não faço muitas doações, vez por outra apenas, a gente estava conversando sobre isso e eu escutei um fundamento correto, conversamos que as pessoas que fazem doações tal qual eu tenho observado já faz algum tempo, algumas pessoas são pobres ao ponto de quase não ter o que comer, os filhos não tem o que comer, mas tendo dinheiro, guarda o dinheiro para comprar durian (\*) para dar aos monges, eu perguntei se isso estava correto, meu amigo disse que está errado, doações tem que ser feitas sem ser um fardo, não deve ser: “Puxa, nossos filhos ou nós mesmos queremos comer, temos para comer, mas não vamos comer! Vamos dar para os monges comer! Assim vamos ganhar mérito.” Meu amigo monge disse que está errado, fazer doações nós devemos fazer na medida que é possível e não sendo um fardo para os demais, como se fosse... Eu estou teimando nessa história do rapaz que se formou e foi virar monge, eu penso que essa história de fazer mérito deve fazer nascer felicidade no nosso coração e no das demais pessoas, não é: “OK, eu vou roubar a carteira dessa pessoa para ir fazer mérito” essa pessoa ia usar o dinheiro para cuidar do filho que está para morrer no hospital e eu vou lá e roubo, aquilo traz sofrimento para outras pessoas, da mesma forma eu insisto, é por isso que não consigo aceitar que essa pessoa que se formou e foi virar monge ganhou mérito. Eu entendi o que o senhor me ensinou agora pouco, mas eu insisto nisso: se for fazer mérito não é correto que acabe em maldade, quer dizer, um grupo de pessoas tem que sofrer, caso alguém faça mérito tem que gerar felicidade no coração de todos os envolvidos.

Por essa razão que esse monge que se ordenou como eu disse, mesmo que ele vá ensinar e propagar o Dhamma ou o que seja! Mas se for perguntar para mim, eu digo que esse monge ainda é moleque, em primeiro lugar, ainda é moleque. Já há o senhor Luang Pó aqui, o senhor Ajahn ali, e quantos mais que já estão cumprindo a tarefa de propagar o Dhamma, mas esse aí vai querer fazer como se fosse o Buddha, como ele abandonou Rahula, a rainha e foi se ordenar? Aquilo é o Buddha, o líder da religião, o nosso mestre, o pioneiro, os outros ainda não eram capazes de enxergar, ainda possuíam muitas kilesas, ainda não eram capazes de enxergar o caminho para que haja felicidade para a maioria das pessoas. Eu não elogio esse “Buddha” a ordenar-se, no momento atual já há o Luang Pó

aqui, aquele Ajahn ali, aquele outro lá, vários, que proclamam o Dhamma de forma que nós podemos estar aqui hoje. Portanto essa pessoa não é importante tal qual o Luang Pó, ou a ponto de se fazer como o Buddha, faz com que eu o censure. Eu censuro fazer mérito sem refletir sobre o momento apropriado, se nós esperássemos 2 anos, 3 anos, 5 anos, se nós tivéssemos resolução firme, não desistiríamos. Nós teríamos firmeza em praticar o Dhamma até que chegasse o momento apropriado. Quando não gerasse sofrimento para os demais, não gerasse dificuldades para os demais, quando surgisse satisfação em todos na nossa fé, então sim é o momento apropriado para ordenar-se. Eu censuro muito não ter escolhido o momento correto é o que eu considero uma maldade, é por essa razão que eu vim aqui com todo respeito discutir com o senhor. Eu digo que o momento não era apropriado.

Ajahn Chah: Aqui... aonde você vai encontrar alguém que saiba prever o futuro desse jeito?

Doutor: Essa pessoa se aguentasse firme mais 7 anos e então se ordenasse, dessa maneira seria uma boa pessoa, mas supondo que passados 7 anos desistisse, fosse ter esposa, beber cachaça, nesse caso é ruim, não serve.

Ajahn Chah: Onde você vai encontrar isso? Todo mundo quer ser assim. Se for 7 anos para se ordenar, a morte vai esperar? Ele enxerga assim antes de ele ir, morte: 7 anos, morre. Há algum acordo? As pessoas nascem, na hora de morrer: 7 anos para virar monge, ninguém sabe. Tem algum acordo? Quando uma pessoa vê dessa forma o que ele pode fazer? Ele não tem certeza sobre sua própria vida, eu digo que todas as pessoas, não há quem tenha um acordo: 70 anos, 80 anos e então morre, não existe, não tem como saber. Ele olha e não enxerga sua própria morte, ele não confia em sua própria morte. Se ele enxerga dessa forma ele vira monge com certeza, por que não? Se aquela pessoa enxerga dessa forma. Não é que nem a gente, a gente aqui tem que forçar para ser 6, 7 anos para que chegue a hora. Akaliko, morte tem dia e hora? Se aquela pessoa vê dessa forma o que é que você quer que ele faça?

Doutor: Eu digo que essa pessoa é egoísta.

Ajahn Chah: Hum?

Doutor: Essa pessoa é egoísta.

Ajahn Chah: É o que?

Doutor: Egoísta. Por quê? Ela pega a felicidade, que é o deleite na religião, sozinho.

Ajahn Chah: Se é assim é melhor eu perguntar isso: o doutor aprendeu medicina, também é egoísta.

Doutor: Correto, correto.

Ajahn Chah: Pois, é! Sabe por quê? Se ainda existe um ego então há egoísmo, mas pessoas que agem desta forma e não são egoístas também existem como o Buddha, não foi egoísta, ele destruiu seu próprio ego, essa palavra “ego, ego” é apenas uma convenção, uma pessoa que consegue atingir aquele ponto não tem mais ego. Nós somos egoístas então pensamos que os outros devem ser igual à gente, a gente pensa que ele é egoísta mas o ego dele já não existe, há terra, fogo, água e ar, não há ego. Essa expressão ser egoísta assume que terra, água, fogo e ar é nossa pessoa, é um ser, uma pessoa dessa forma, esse tipo de expressão e esse tipo de entendimento estão incorretos, vão juntos infinitamente.

O ponto mais alto do Buddha é não haver pessoa, há terra, água, fogo, ar, agrupados em uma pilha, só isso, animal ou pessoa não existem. Se aquela pessoa atingir esse ponto, como é possível para ele ser egoísta? Pois já não há ego, o que faz a gente ser egoísta é ter um ego dessa forma. Se formos falar sobre não ter ego ninguém entende, conversar sobre coisas mundanas e coisas transcendentais não é igual, por exemplo, se eu descrever para o doutor ouvir a seguinte situação: se nós todos dissermos

“andar para frente”, conhecemos, “andar para trás”, conhecemos, “ficar parado”, conhecemos. Se tiver mais uma frase que diga: “nem andar para frente, nem andar para trás, nem ficar parado”, como é que fica? A expressão andar para frente a gente conhece, andar para trás a gente ouve e entende, ficar parado a gente entende, mas vem a segunda frase “nem andar para frente, nem andar para trás, nem ficar parado”, como é que fica? Essa pessoa chegou a um ponto, aquela chegou a um ponto mais adiante, é assim.

Eu insisto, conversa mundana e conversa sobre o Dhamma mais elevado, a gente estende a mão e não alcança. Andar, caminhar a gente conhece, andar para trás a gente conhece, ficar parado a gente conhece, não andar para frente, não andar para trás, não ficar parado nós não conhecemos, a gente ouve e fica por isso mesmo. Bem aí, aí é que as pessoas não entendem nada a ponto de haver tantos problemas e confusão demais da conta desse jeito, mas essa frase é a forma de expressão do Lokuttara, é a forma de expressão dos Arias, caso eles tenham crescido a esse ponto. Antes nós eramos crianças não é? Éramos crianças pequenininhas, e agora crescemos a esse ponto, a gente sente saudades de ser criança? A gente lamenta não ser criança? Por que foi possível crescer a esse ponto? Porque é assim, entra comida por aqui, não é assunto nosso, é assunto do mundo, aqui, a gente fala mas não acerta o alvo.

Mas todo mundo tem, todo mundo nesse mundo diz ter razão... É verdade, mas quando todo mundo vai inventando razões, as razões acabam diferentes. Gente burra tem razão, gente esperta tem razão. Gente esperta tem a razão deles, gente burra tem a razão deles. Significa que essa história de razão não tem fim, quando o Buddha diz: “Eu ajo além das causas, acima dos efeitos, além de nascimento, acima da morte, além da felicidade, acima do sofrimento” E aí como é que fica? É uma história completamente diferente, completamente diferente.

É como por exemplo o doutor foi criança, alguma vez brincou com balão de inflar? Via o balão e ficava feliz e alegre por causa do balão, “eh, eh!” agora cresceu a esse ponto né? É diferente de quando era criança, não pensa mais em brincar com esse tipo de coisa. Por que não quer brincar? Pois não há utilidade né! Já cresceu, vê? Não há utilidade, quando nós éramos crianças naquela época, nós víamos o balão como sendo algo muito valioso, brincava se divertia, “ôba!, ôba!”, sozinho, não sabia de nada, mas quando o balão explodia, “pôp!”, chorava... Por que é assim? Brincar com essas coisas, é o que se chama nossa mente estar fixa, então nossa idade se desenvolve, muda com o tempo e cresce a esse ponto, o doutor vai brincar com balão como as crianças? Pois é assim, como vamos resolver esse problema, quando é o caso que ele pensa dessa forma? O doutor tem que dizer “eu não quero brincar pois não há utilidade”, e as crianças? Isso contradiz a opinião das crianças, o doutor diz “não tem utilidade”, mas as crianças discordam do doutor! “É útil sim!”, e aí, como é que... Quem vence? Quem está certo, quem está errado? As crianças têm as razões delas, os adultos têm as razões deles, são mundos diferentes. Tem que ser assim.

Ótimo, as perguntas hoje estão muito boas, quero que faça muitas perguntas e assim se esclarece. São duas coisas completamente diferentes, completamente diferentes...

Doutor: Eu estou conseguindo enxergar.

Ajahn Chah: Pois é.

Doutor: Eu tenho uma opinião, é uma opinião que eu penso sozinho, eu tenho que admitir, minha esposa aqui, Pao, há cerca de dez anos atrás, nossa! Vivia jogando água benta (\*) eu perguntava “Está possuída pelo demônio? Foi fazer algo de ruim ou o que?”, seja lá o que fosse tinha que jogar água benta, ela chamava para eu ir junto mas eu dizia: “eu não fiz nenhum mal, no que diz respeito à minha profissão eu ajudo outras pessoas, isso é um tipo de bondade, e em geral quando eu trabalho, eu trabalho com intenção de fazer direito, caso eu cometa um erro é sem ter tido intenção, é por não ter tido conhecimento suficiente ou por ter me equivocado sem ter tido intenção de prejudicar ninguém eu

digo que não fiz maldade.” Não baixou o demônio, não fiz maldade, então não joga água benta.

Pelo contrário, eu penso que a religião, qualquer que seja, ensina a ter amor uns pelos outros, a praticar o bem na forma que o mundo inteiro respeita, e tentar ser uma pessoa pura e caso chegue a um certo nível, caso formos de acordo com a minha opinião, tendo encerrado seus deveres mundanos, suas responsabilidades, caso a gente quiser ir procurar paz verdadeira, vira monge, vira monge de vez. A gente vai morar num lugar pacífico, mas quando nós não tenhamos mais preocupações como: “Eh! Meu, nosso filho não vai ter recursos para estudar, como é que fica?” Eu vou ter que aprender a ser médium, a jogar água benta, fazer poção mágica, isso não é correto, é por isso que tenho a opinião de que fazer mérito, e então obter ou não obter mérito depende do coração, se o nosso coração for puro, nós agimos sem ter más intenções, sem maus pensamentos, mesmo que erre e não acerte o alvo mas tenha sensibilidade e procure corrigir, é uma ação que penso ser pura o suficiente, por isso esse tipo de exibição, por exemplo virar monge, chega na idade costumeira “pap!” ordena-se monge por que mandaram, quer dizer ordenou-se por causa dos costumes (\*), mas no coração talvez não haja paz suficiente ou pureza suficiente, ou há preocupações ou deveres. Tanto quanto eu me lembre nós temos que receber autorização para virar monge, essa permissão deveria ser dada com sinceridade, não é vai implorar, forçar o pai e a mãe tipo: “Não quero nem saber, vou virar monge, se me proibirem vou fazer assim...” Isso é forçar e eu digo que é fazer maldade, por isso eu digo que se for fazer, se for ordenar-se para gerar bondade, depende do coração.

Todas as formas de fazer mérito... como no meu caso, eu tenho preguiça de doar pindapata (\*), mas minha esposa doa todos os dias de manhã, eu tenho preguiça de tirar os sapatos mas não penso nada de mal, não penso de maneira ofensiva, de maneira que eu tenho a opinião de que mesmo que alguém faça mérito até morrer, na minha cabeça eu penso que mesmo que faça mérito até cair duro! Se no coração houver apenas ganância, confusão, arrogância ou faz com que os demais sofram, eu digo é melhor parar de fazer mérito imediatamente, vai aprender a fazer o coração ficar bom, a fazer as outras pessoas felizes, estou errado?

Ajahn Chah: Sobre isso aí, escute primeiro, OK? Existem duas coisas: 1- A dona de casa jogando água benta não deve estar certo.

Doutor: Mas agora ela já parou.

Ajahn chah: O que será que aconteceu?

Pao (esposa do Dr.): Eu sinto que me faz feliz, quando eu doo pindapata eu fico feliz.

Ajahn Chah: Eu vou explicar, eu vou resolver essa questão. Por que age desta maneira? Como o doutor aqui. (Pense numa ) Galinha em casa, OK? Ela corre apressada para perto de nós, a gente dá um par de calças para ela, ela não aceita, dá uma camisa, ela não aceita, o que vamos dar para ela?

Doutor: Arroz (\*).

Ajahn Chah: Dá arroz para ela, isso é útil para a galinha, não é? Só isso e já é útil, ela quer aquilo. Camisa é bom só para gente, calça é para gente, ela ainda não chegou ao nível de humano, o que ela quer é arroz. Ela vem nos procurar mas nós damos uma camisa, a galinha não aceita, é melhor dar arroz, não é? Deste ponto em diante ela vai melhorando, melhorando, até virar gente, quando for gente se der arroz para comer, não come. No começo é assim, e o doutor mencionou um segundo item, o que era?

Êh! “Eu não quero fazer mérito, ou se for fazer pego minha mente e a transformo em mérito logo de uma vez”, mas se o doutor for uma pessoa esforçada, sendo uma pessoa esforçada iria aguentar não trabalhar? Ia aguentar não varrer a casa, ia aguentar não lavar os pratos ou fazer algo de útil? Se for esforçado, não estou falando de gente preguiçosa. Tem que trabalhar o tempo todo. Pois é, tem que ser

assim.

Para as pessoas que tenham fé é bom, mas o que o doutor disse sobre passar do limite também está correto, tem que saber moderar, tem que saber o suficiente, saber moderação, fazer demais da conta sem considerar a razão não dá, mas a pessoa que tem fé profunda tem que doar pindapata ou fazer puja e assim por diante, aquela pessoa está cheia de fé. Não é para fazer como os tolos mas para fazer como os sábios.

Então podemos comparar com o doutor aqui que é uma pessoa esforçada ao máximo, não é preguiçoso naquilo que gosta. Vê a casa bagunçada consegue não varrer? Vê os pratos sujos consegue não lavar? Vê o cachorro vindo fazer cocô bem ali, toca ele para fora ou o que? O doutor tem que ser incapaz de parar uma vez que é uma pessoa esforçada. Aqui é a mesma coisa, tem que pensar dessa forma. Por que age dessa maneira? Isso se manifesta vindo do coração de uma pessoa esforçada, tem que ser assim. Se for o caso que ela ofereça pindapata à toa, sem noção de nada, eu concordo contigo, se ela faz tendo motivo como o doutor, por que limpa titica de galinha, por que limpa cocô de porco, por que limpa cocô do cachorro, por que? Porque o doutor é detalhista da maneira correta, é uma pessoa esforçada, não pode ver algo desarrumado, tem que limpar e arrumar, é ali que se manifesta, não é só passar a tarefa adiante, tem essa razão.

Aquilo deixa para ela, que ela vai atrás de água benta, deixa para ela, ela está no nível de galinha o que fazer? O nível é de galinha mas o doutor vai oferecer camisa, ela é galinha, não aceita. O que fazer? Tem arroz então joga para ela comer, é melhor assim, para que ela fique feliz. Tem que separar em níveis desta forma, para poder chamar-se “pessoa de entendimento”, então que o doutor vá contemplar tudo isso.

Ótimo, hoje foi muito bom, já veio duas vezes mas ainda não fez nenhuma pergunta. Ótimo, bote todas as perguntas para fora, para acabar, desse jeito, bote para fora até acabar...

Notas da tradução:

- Uma pessoa só pode virar monge caso autorizado pelos pais.
- "Vejam esse mundo enfeitado como uma carruagem real..." esse é um trecho do Dhammapada.
- Durian (tailandês): fruta típica da região sudeste da ásia, na época era considerada um artigo de luxo.
- É comum as pessoas na Tailândia pedirem que os monges abençoem água para que eles borrifem em casa ou sobre si mesmas para espantar más energias ou trazer boa sorte.
- Antigamente era comum na Tailândia que todos os rapazes se ordenassem monge ao completar 20 anos por um período curto de tempo.
- Pindapāta (pāli): é o ato dos monges saírem pela manhã pelas ruas recolhendo alimentos para sua refeição, as pessoas costumam tirar os sapatos em gesto de humildade na hora de doar os alimentos.
- Arroz: no Brasil o que se joga para galinha comer é milho, na Tailândia é arroz.